

Aula 20 – Peste Suína Clássica e Africana: Desvendando as Ameaças à Suinocultura

A Sentinela da Suinocultura: Por Que Entender as Pestes Suínas?

Imagine um cenário onde a saúde de um rebanho inteiro está em risco, e com ela, a economia de uma propriedade, a segurança alimentar de uma região e até mesmo a balança comercial de um país. No universo da Medicina Veterinária Preventiva, poucas ameaças são tão impactantes e temidas quanto as pestes suínas. Elas não são apenas doenças; são verdadeiros desafios epidemiológicos que exigem conhecimento, vigilância e ação rápida de cada profissional.

Para você, estudante universitário em busca de aprofundamento ou candidato a concurso público que precisa de um diferencial, dominar os conceitos sobre Peste Suína Clássica (PSC) e Peste Suína Africana (PSA) é mais do que cumprir uma carga horária. É adquirir uma ferramenta essencial para atuar na linha de frente da saúde animal, contribuindo para a sustentabilidade da produção e a proteção da saúde pública, um pilar da abordagem de Saúde Única (One Health) que integra a saúde humana, animal e ambiental.

Ao final desta aula, você será capaz de diferenciar as características epidemiológicas e clínicas da Peste Suína Clássica e Africana, compreender suas vias de transmissão e a importância vital da notificação imediata. Além disso, você estará apto a identificar as principais medidas de prevenção e controle aplicáveis tanto em granjas quanto na fauna silvestre, e entenderá o papel crucial do Programa Nacional de Sanidade Suídea (PNSS) na defesa sanitária do Brasil. Prepare-se para desvendar os segredos dessas doenças e fortalecer sua expertise em sanidade suína.

Nesta jornada, exploraremos desde as particularidades de cada peste até as estratégias de defesa que mantêm nossa suinocultura protegida. Começaremos contextualizando a ameaça global, para então mergulhar nas diferenças entre PSC e PSA, suas formas de transmissão, e as barreiras que podemos erguer contra elas, culminando no papel estratégico do PNSS.

Contextualizando uma Ameaça Global

O Alerta Vermelho na Suinocultura: Por Que Algumas Doenças Nos Tiram o Sono?

Imagine que você é o responsável por uma granja de suínos, e de repente, alguns animais começam a apresentar febre, manchas na pele e uma prostração inexplicável. A preocupação é imediata, pois você sabe que certas doenças podem se espalhar como um incêndio em palha seca, devastando rebanhos inteiros e causando prejuízos incalculáveis. É nesse cenário de incerteza e urgência que as pestes suínas se inserem, representando um dos maiores desafios sanitários para a suinocultura global.

Impacto Global: Essas doenças não são apenas um problema para o produtor; elas têm o poder de abalar mercados internacionais, gerar crises econômicas e até mesmo impactar a segurança alimentar de nações.

A velocidade com que se disseminam e a gravidade de seus sintomas as tornam prioridade máxima para a vigilância epidemiológica em todo o mundo. É como ter dois tipos de "alarmes de incêndio" para porcos, cada um com suas particularidades, mas ambos sinalizando um perigo iminente que exige uma resposta rápida e coordenada.

Peste Suína Clássica (PSC)

A "velha conhecida" que ainda exige nossa atenção constante

Peste Suína Africana (PSA)

A ameaça emergente sem vacina disponível

Nesta aula, vamos focar em duas dessas grandes ameaças: a Peste Suína Clássica (PSC) e a Peste Suína Africana (PSA). Embora ambas compartilhem o nome "peste suína" e causem estragos significativos, elas são causadas por vírus distintos e possuem características epidemiológicas e clínicas que as tornam únicas. Entender essas diferenças é o primeiro passo para um diagnóstico preciso e para a implementação de medidas de controle eficazes, protegendo não apenas os animais, mas toda a cadeia produtiva e, por extensão, a sociedade.

A capacidade de identificar rapidamente qual "alarme" está soando é crucial para direcionar a resposta correta. Um erro pode custar caro, tanto em vidas animais quanto em recursos financeiros. Por isso, mergulharemos nas particularidades de cada uma, começando pela Peste Suína Clássica, uma velha conhecida que ainda exige nossa atenção.

Peste Suína Clássica (PSC): O Inimigo Conhecido

A Doença do "Camaleão": Por Que a PSC Ainda Nos Desafia?

A Peste Suína Clássica, também conhecida como Febre Suína Clássica, é uma doença viral que assombra a suinocultura há décadas. Embora muitos países, incluindo o Brasil, tenham alcançado o status de livres da doença, a vigilância constante é fundamental, pois a PSC é como um "camaleão": seus sintomas podem variar amplamente, dificultando o diagnóstico e permitindo que a doença se espalhe sorrateiramente antes de ser detectada. Essa variabilidade clínica é um dos grandes desafios para os veterinários em campo.

Agente Etiológico

Vírus da família *Flaviviridae*, o mesmo grupo de vírus que causa a Dengue e a Febre Amarela em humanos

Hospedeiros

Afeta exclusivamente suínos domésticos e selvagens

Manifestações

Pode se manifestar de forma aguda, subaguda, crônica ou até mesmo assintomática

Causada por um vírus da família *Flaviviridae*, o mesmo grupo de vírus que causa a Dengue e a Febre Amarela em humanos, a PSC afeta exclusivamente suínos domésticos e selvagens. A doença pode se manifestar de forma aguda, subaguda ou crônica, e até mesmo assintomática, dependendo da virulência da cepa viral e da idade e imunidade do animal. Em sua forma aguda, os animais apresentam febre alta, prostração, perda de apetite, hemorragias na pele (especialmente nas orelhas, abdômen e membros), diarreia, vômito e, em casos mais graves, sinais nervosos. A mortalidade pode ser alta, especialmente em leitões jovens.

Cenário Prático: Imagine uma granja onde os leitões começam a ficar apáticos, com manchas avermelhadas na pele e dificuldade para se mover. O produtor pode inicialmente confundir esses sinais com outras doenças comuns, como a salmonelose ou a erisipela.

No entanto, a persistência dos sintomas e a rápida disseminação entre os animais deveriam acender um alerta. A capacidade de identificar esses sinais precocemente e, mais importante, de suspeitar da PSC, é o que diferencia um profissional preparado. A aplicação prática aqui é a necessidade de um diagnóstico diferencial rigoroso, que muitas vezes só pode ser confirmado por exames laboratoriais específicos.

A erradicação da PSC em muitos territórios é um testemunho do sucesso de programas de vacinação e controle rigorosos. Contudo, a ameaça de reintrodução, seja por movimentação ilegal de animais ou produtos contaminados, é constante. Por isso, o conhecimento sobre a PSC não é apenas histórico; é uma ferramenta ativa na prevenção de futuras epidemias.

Peste Suína Africana (PSA): A Ameaça Implacável

O "Tsunami" da Suinocultura: Por Que a PSA é Tão Devastadora?

Se a Peste Suína Clássica é um camaleão, a Peste Suína Africana (PSA) pode ser comparada a um "tsunami" para a suinocultura. Esta doença, causada por um vírus da família *Asfarviridae*, é notória por sua altíssima taxa de mortalidade, que pode chegar a 100% em surtos agudos, e pela ausência de vacina ou tratamento eficaz até o momento. A PSA não é uma ameaça distante; ela tem se espalhado rapidamente por diversas partes do mundo nos últimos anos, causando perdas econômicas bilionárias e redefinindo as estratégias de biosegurança global.

100%

Taxa de Mortalidade

Em surtos agudos da PSA

0

Vacinas Disponíveis

Nenhuma vacina comercial eficaz

\$B

Perdas Econômicas

Bilionárias em escala global

A PSA afeta suínos domésticos e selvagens de todas as idades, e seus sinais clínicos são frequentemente indistinguíveis dos da PSC em um primeiro momento. Os animais infectados desenvolvem febre alta, prostração severa, perda de apetite, hemorragias visíveis na pele (especialmente nas extremidades, como orelhas, focinho e cauda), cianose (coloração azulada da pele), vômitos e diarreia, que pode ser sanguinolenta. A progressão da doença é geralmente rápida, levando à morte em poucos dias. A principal diferença clínica, embora sutil, é a gravidade e a rapidez com que a PSA leva ao óbito.

Alerta Global: Imagine a notícia de um surto de PSA em um país vizinho. A velocidade com que a doença pode se espalhar, seja por meio de produtos de carne suína contaminados, veículos, pessoas ou até mesmo carrapatos, é assustadora.

Um único caso pode desencadear uma crise sanitária de proporções gigantescas, exigindo o sacrifício de milhares de animais para conter a disseminação. A aplicação prática aqui é a necessidade de uma biosegurança impecável e de uma vigilância epidemiológica ativa e constante, especialmente em portos e aeroportos, para evitar a entrada do vírus em territórios livres.

A ausência de uma vacina torna a prevenção a única arma eficaz contra a PSA. Isso significa que cada elo da cadeia produtiva, desde o pequeno produtor até as grandes indústrias e os órgãos de defesa sanitária, precisa estar vigilante e comprometido com as melhores práticas de biossegurança. A PSA é um lembrete contundente da fragilidade da produção animal diante de patógenos altamente virulentos.

O Duelo Epidemiológico: PSC vs. PSA

Duas Ameaças, Duas Estratégias: Por Que a Diferenciação é Crucial?

Agora que conhecemos individualmente a Peste Suína Clássica e a Peste Suína Africana, é hora de colocá-las lado a lado para entender suas diferenças mais sutis, mas cruciais. Pense nelas como dois "criminosos" com perfis muito parecidos, mas com modus operandi distintos. Identificar corretamente qual deles está agindo é fundamental para que a "polícia sanitária" (nós, os veterinários) possa aplicar a estratégia de contenção mais eficaz. Um diagnóstico errado pode levar a medidas ineficazes e à perda de tempo precioso, permitindo que a doença se espalhe ainda mais.



Família Viral

PSC: *Flavivirus*

PSA: *Asfarvirus*



Vetores Biológicos

PSC: Não possui

PSA: Carrapatos *Ornithodoros*



Resistência Ambiental

PSC: Moderada

PSA: Alta (produtos cárneos)

Epidemiologicamente, a principal distinção reside na família viral e na presença de vetores. A PSC é causada por um *Flavivirus*, enquanto a PSA é causada por um *Asfarvirus*. Embora ambas sejam altamente contagiosas por contato direto e indireto, a PSA tem um diferencial preocupante: a capacidade de ser transmitida por carrapatos do gênero *Ornithodoros*, que atuam como reservatórios e vetores biológicos. Isso adiciona uma camada de complexidade ao controle da PSA, especialmente em regiões onde esses carrapatos são endêmicos ou em contato com a fauna silvestre.

Outra diferença importante é a estabilidade do vírus no ambiente. O vírus da PSA é notavelmente mais resistente e pode sobreviver por longos períodos em produtos de carne suína, fezes e no ambiente, o que o torna um desafio maior para a desinfecção e para a prevenção da transmissão via produtos contaminados. Já o vírus da PSC, embora também resistente, não possui a mesma longevidade ambiental. Essa resistência da PSA é um dos motivos pelos quais a doença se espalha tão rapidamente e é tão difícil de erradicar uma vez estabelecida em uma região.

Característica	Peste Suína Clássica (PSC)	Peste Suína Africana (PSA)
Agente Etiológico	Vírus RNA (Flaviviridae)	Vírus DNA (Asfarviridae)
Vetor Biológico	Não possui	Carrapatos moles do gênero <i>Ornithodoros</i> (em algumas regiões)
Resistência Ambiental	Moderada	Alta (especialmente em produtos cárneos e fezes)
Vacina Disponível	Sim (eficaz, usada em programas de erradicação)	Não (em desenvolvimento, mas sem uso comercial)
Mortalidade	Variável (pode ser alta em formas agudas, até 100% em leitões)	Muito alta (frequentemente 90-100% em formas agudas)

A compreensão dessas nuances epidemiológicas é vital para o planejamento de programas de vigilância e controle. Para a PSC, a vacinação é uma ferramenta poderosa; para a PSA, a biosegurança rigorosa e o abate sanitário são as únicas opções.

O Duelo Clínico: PSC vs. PSA

Sinais Semelhantes, Consequências Distintas: A Arte do Diagnóstico Diferencial

Apesar das diferenças epidemiológicas, o grande desafio para o veterinário em campo é que os sinais clínicos da Peste Suína Clássica e da Peste Suína Africana podem ser assustadoramente semelhantes. É como ter dois pacientes com febre alta e manchas na pele, mas um deles está com uma doença tratável e o outro, com uma condição incurável e fatal. A capacidade de discernir entre elas, mesmo que inicialmente apenas pela suspeita, é um dos pilares da atuação profissional.



Sinais Comuns

Febre, prostração, hemorragias cutâneas, diarreia, vômito



Progressão

PSA: mais rápida e fulminante
PSC: pode ser crônica



Diagnóstico

Confirmação laboratorial obrigatória (PCR, isolamento viral)

Ambas as doenças causam febre, prostração, perda de apetite e lesões hemorrágicas na pele, especialmente nas orelhas, focinho, abdômen e membros. No entanto, a PSA tende a ser mais aguda e fulminante, com uma progressão mais rápida para a morte e taxas de mortalidade consistentemente mais elevadas. Enquanto a PSC pode apresentar formas crônicas ou subclínicas, a PSA raramente permite que os animais sobrevivam por muito tempo em sua forma aguda. Em casos de PSC, podem ser observados sinais nervosos mais proeminentes, como incoordenação e tremores, que são menos comuns na PSA.

A presença de diarreia e vômito é comum em ambas, mas na PSA, a diarreia pode ser sanguinolenta. A necrópsia também revela diferenças importantes: na PSC, as lesões são mais focadas em hemorragias petequiais em órgãos como rins e baço, enquanto na PSA, o baço pode estar muito aumentado e escuro, e as hemorragias são mais extensas e difusas, incluindo linfonodos hemorrágicos. Contudo, essas distinções macroscópicas podem ser sutis e exigem experiência.

- Diagnóstico Definitivo:** Diante de qualquer suspeita, a única forma de confirmar o diagnóstico e diferenciar com certeza entre PSC e PSA é através de exames laboratoriais específicos, como PCR (Reação em Cadeia da Polimerase) para detecção do material genético viral ou isolamento viral.

Característica	Peste Suína Clássica (PSC)	Peste Suína Africana (PSA)
Sinais Clínicos	Febre, prostração, hemorragias cutâneas, diarreia, vômito, sinais nervosos, cianose. Variável.	Febre alta, prostração severa, hemorragias cutâneas extensas, cianose, diarreia (por vezes sanguinolenta), vômito. Geralmente mais agudo.
Progressão	Aguda, subaguda, crônica ou assintomática	Aguda, hiperaguda (morte súbita)
Lesões de Necrópsia	Hemorragias petequiais (rins, baço), infartos no baço, linfonodos hemorrágicos.	Hemorragias extensas e difusas, baço muito aumentado e escuro, linfonodos hemorrágicos.
Diagnóstico Definitivo	Laboratorial (PCR, isolamento viral, sorologia)	Laboratorial (PCR, isolamento viral)

A coleta e o envio correto de amostras para laboratórios credenciados são passos cruciais para uma resposta rápida e eficaz.

Vias de Transmissão e a Urgência da Notificação

A Rede Invisível da Contaminação: Como as Pestes Se Espalham?

Entender como as pestes suínas se espalham é como mapear uma "rede invisível" de contaminação. Essa rede é complexa e multifacetada, envolvendo desde o contato direto entre animais até a movimentação de pessoas e produtos. A capacidade de um vírus de se disseminar rapidamente é o que o torna uma ameaça tão grande, e no caso da PSC e da PSA, essa capacidade é amplificada por diversas vias.



Contato Direto

Entre animais infectados e suscetíveis, por secreções, excreções ou sangue



Contato Indireto

Equipamentos, veículos, roupas, calçados e alimentos contaminados



Vetores Biológicos

Carrapatos moles do gênero *Ornithodoros* (específico para PSA)



Fauna Silvestre

Javalis e suínos selvagens como reservatórios naturais

A transmissão mais comum para ambas as doenças é o **contato direto** entre animais infectados e suscetíveis, seja por secreções, excreções ou sangue. No entanto, a **transmissão indireta** é igualmente crucial e muitas vezes mais difícil de controlar. Isso inclui o contato com equipamentos, veículos, roupas, calçados e até mesmo alimentos contaminados. Um exemplo clássico é a alimentação de suínos com restos de comida (lavagem ou "swill feeding") que contenham produtos de carne suína contaminados, uma prática que já foi responsável por surtos em diversas partes do mundo.

Para a Peste Suína Africana, a situação é ainda mais complexa devido à participação de **vetores biológicos**, como os carrapatos moles do gênero *Ornithodoros*. Esses carrapatos podem abrigar o vírus por longos períodos e transmiti-lo aos suínos, atuando como reservatórios naturais da doença em algumas regiões da África e da Europa. Além disso, a presença de **javalis e suínos selvagens** é um fator de risco significativo, pois eles podem atuar como reservatórios e disseminadores do vírus, dificultando o controle em áreas de interface entre a produção doméstica e a fauna silvestre.

Notificação Imediata: Pense na notificação como o "botão de pânico" que aciona todo o sistema de defesa do país. A cada minuto de atraso, o vírus tem mais tempo para se espalhar, tornando a contenção exponencialmente mais difícil e custosa.

Diante de um cenário de alta transmissibilidade, a **notificação imediata** de qualquer caso suspeito é não apenas uma obrigação legal, mas uma medida de urgência sanitária. A notificação permite que as autoridades de defesa sanitária atuem protocolos de investigação, isolamento, quarentena e, se necessário, sacrifício dos animais, evitando que um foco localizado se transforme em uma epidemia nacional ou regional.

Prevenção e Controle: Fortalecendo as Barreiras

Construindo a "Fortaleza" da Granja: Estratégias Contra as Pestes Suínas

Se a transmissão é uma rede invisível, a prevenção e o controle são as estratégias para construir uma "fortaleza" ao redor da granja e do país. Não se trata apenas de reagir a um surto, mas de implementar medidas proativas que minimizem o risco de entrada e disseminação das doenças. Essas barreiras são multifacetadas e exigem um compromisso contínuo de todos os envolvidos na cadeia produtiva.

01

Biosseguridade Externa

Controle rigoroso de acesso de pessoas e veículos, desinfecção de materiais, quarentena de animais recém-chegados

02

Biosseguridade Interna

Uso de vestimentas e equipamentos exclusivos, manejo adequado de dejetos e carcaças

03

Controle de Movimentação

Rastreabilidade dos animais, emissão de GTAs, fiscalização em barreiras sanitárias

04

Vigilância da Fauna

Controle populacional de javalis, monitoramento da saúde da fauna silvestre

A **biosseguridade** é a pedra angular de qualquer programa de prevenção. Ela engloba um conjunto de práticas que visam impedir a entrada de agentes infecciosos na propriedade (biosseguridade externa) e sua disseminação dentro dela (biosseguridade interna). Isso inclui controle rigoroso de acesso de pessoas e veículos, desinfecção de materiais, quarentena de animais recém-chegados, uso de vestimentas e equipamentos exclusivos, e manejo adequado de dejetos e carcaças. Para a PSA, a eliminação da alimentação com restos de comida e o controle de carrapatos são medidas críticas.

Além da biosseguridade na granja, o **controle da movimentação de animais e produtos** é vital em nível regional e nacional. A rastreabilidade dos animais, a emissão de Guias de Trânsito Animal (GTAs) e a fiscalização em barreiras sanitárias são essenciais para evitar que animais infectados ou produtos contaminados se desloquem e espalhem a doença. É como ter "portões de segurança" em todas as fronteiras, monitorando quem entra e sai.

Desafio da Fauna Silvestre: No que tange à fauna silvestre, especialmente os javalis, a situação é mais complexa. Eles podem atuar como reservatórios do vírus da PSA, tornando a erradicação da doença em regiões com alta população de javalis um desafio monumental.

Estratégias de controle populacional de javalis, monitoramento da saúde da fauna silvestre e a conscientização de caçadores e produtores rurais sobre os riscos são fundamentais para mitigar essa ameaça.

Em caso de surto, as medidas de controle incluem o **sacrifício sanitário** (despovoamento) dos animais infectados e expostos, seguido de limpeza e desinfecção rigorosas das instalações. Para a PSC, a **vacinação** é uma ferramenta eficaz em programas de erradicação, permitindo a imunização dos rebanhos e a redução da circulação viral. No entanto, para a PSA, a ausência de vacina significa que o sacrifício e a biosseguridade são as únicas opções para conter a doença.

O Programa Nacional de Sanidade Suídea (PNSS)

O Maestro da Saúde Suína: O Papel Estratégico do PNSS

Para orquestrar todas essas medidas de prevenção e controle em nível nacional, o Brasil conta com uma ferramenta poderosa: o Programa Nacional de Sanidade Suídea (PNSS). Pense no PNSS como o "maestro" que coordena todos os esforços para proteger a suinocultura brasileira contra as pestes suínas e outras doenças de impacto econômico e sanitário. Sua existência é um testemunho do compromisso do país com a saúde animal e a segurança alimentar.



Vigilância Epidemiológica

Ativa e passiva para detecção precoce de alterações no status sanitário



Controle de Trânsito

Exigência de GTA para garantir rastreabilidade e sanidade



Educação Sanitária

Conscientização sobre biossegurança e notificação



Resposta Rápida

Protocolos de investigação e contenção de focos

O PNSS é coordenado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e atua em diversas frentes. Seu principal objetivo é a erradicação e prevenção da Peste Suína Clássica e a prevenção da entrada e disseminação da Peste Suína Africana no território nacional. Para isso, o programa se baseia em pilares como a vigilância epidemiológica ativa e passiva, o controle do trânsito de animais e produtos, a educação sanitária, a fiscalização de granjas e a resposta rápida a focos de doenças.

Objetivos Principais

- Erradicação e prevenção da PSC
- Prevenção da entrada da PSA
- Manutenção do status sanitário
- Proteção da cadeia produtiva

Ferramentas de Atuação

- Vigilância epidemiológica
- Controle de trânsito (GTA)
- Educação sanitária
- Fiscalização e resposta rápida

A vigilância epidemiológica, por exemplo, envolve a coleta e análise de dados sobre a ocorrência de doenças, permitindo a detecção precoce de qualquer alteração no status sanitário. O controle do trânsito de animais é feito através da exigência da Guia de Trânsito Animal (GTA), que garante a rastreabilidade e a sanidade dos animais em movimentação. A educação sanitária é fundamental para conscientizar produtores, transportadores e consumidores sobre as boas práticas de biossegurança e a importância da notificação.

Para o Futuro Veterinário: Para você, futuro profissional da Medicina Veterinária, o PNSS não é apenas um programa governamental; é um campo de atuação e uma diretriz para sua prática. Seja na extensão rural, na inspeção de produtos de origem animal, na pesquisa ou na clínica, seu conhecimento sobre o PNSS e sua capacidade de aplicar suas diretrizes são essenciais.

Em concursos públicos, o PNSS é um tema recorrente, pois representa a política oficial de defesa sanitária suína do país. A manutenção do status de país livre de PSC em grande parte do território e a ausência de PSA são conquistas que dependem da colaboração de todos. O PNSS é a estrutura que nos permite manter essas conquistas e continuar a ser um dos maiores produtores e exportadores de carne suína do mundo.

Consolidação e Próximos Passos

A Jornada Continua: Reforçando Seu Conhecimento em Sanidade Suína

Chegamos ao final de nossa jornada pelas pestes suínas, duas das mais desafiadoras doenças que afetam a suinocultura global. Vimos que, embora a Peste Suína Clássica e a Peste Suína Africana compartilhem o nome e a capacidade de causar grandes prejuízos, elas são distintas em sua etiologia, epidemiologia e, crucialmente, nas estratégias de controle. A PSC, com sua variabilidade clínica e a possibilidade de vacinação, e a PSA, com sua alta mortalidade, resistência ambiental e ausência de vacina, exigem abordagens específicas e uma vigilância constante.

Notificação Imediata

Sempre suspeite de doenças de notificação obrigatória diante de sinais inespecíficos em suínos

Biosseguridade Rigorosa

Incentive e aplique medidas de biosseguridade em qualquer ambiente de produção animal

Atualização Constante

Mantenha-se atualizado sobre as diretrizes do PNSS e outras normas sanitárias

Saúde Única

Compreenda que a saúde animal é parte integrante da Saúde Única, impactando diretamente a saúde humana e ambiental

Compreendemos a importância vital da notificação imediata de casos suspeitos, o papel fundamental da biosseguridade em todos os níveis – da granja à fronteira – e a relevância do Programa Nacional de Sanidade Suídea (PNSS) como a espinha dorsal da defesa sanitária suína no Brasil. Seu conhecimento sobre esses tópicos não é apenas teórico; é uma ferramenta prática que o capacita a proteger a saúde animal, a economia e a segurança alimentar.

Autoavaliação

- Qual das seguintes características é exclusiva da Peste Suína Africana (PSA) e não da Peste Suína Clássica (PSC)?
 - a) Presença de hemorragias cutâneas.
 - b) Transmissão por contato direto.
 - c) Ausência de vacina comercialmente disponível.
 - d) Afeta apenas suínos domésticos.
- Um produtor rural observa que seus suínos estão com febre alta, prostração, manchas avermelhadas na pele e diarreia sanguinolenta, com alta mortalidade em poucos dias. Qual doença deve ser a principal suspeita, considerando a gravidade e a rapidez dos sintomas?
 - a) Peste Suína Clássica (PSC)
 - b) Erisipela Suína
 - c) Peste Suína Africana (PSA)
 - d) Salmonelose Suína
- Qual é a principal razão para a notificação imediata de casos suspeitos de Peste Suína Clássica ou Africana às autoridades sanitárias?
 - a) Para que o produtor receba indenização pelos animais doentes.
 - b) Para iniciar rapidamente as medidas de contenção e evitar a disseminação da doença.
 - c) Para que os animais possam ser tratados e recuperados.
 - d) Para fins de pesquisa científica sobre a doença.
- O Programa Nacional de Sanidade Suídea (PNSS) tem como um de seus pilares fundamentais:
 - a) A criação de novas raças de suínos mais resistentes a doenças.
 - b) A promoção da exportação de carne suína sem controle sanitário.
 - c) A vigilância epidemiológica e o controle do trânsito de animais.
 - d) O desenvolvimento de vacinas para todas as doenças suínas.
- Explique brevemente por que a presença de javalis e suínos selvagens representa um desafio adicional para o controle da Peste Suína Africana (PSA) em comparação com a Peste Suína Clássica (PSC).

Gabarito e Explicações

1 Resposta: c) Ausência de vacina comercialmente disponível

A PSA não possui vacina comercial eficaz, enquanto a PSC tem vacina disponível e eficaz para programas de erradicação.

3 Resposta: b) Para iniciar rapidamente as medidas de contenção

A notificação imediata permite ativar protocolos de emergência para evitar a disseminação da doença.

2 Resposta: c) Peste Suína Africana (PSA)

A combinação de alta mortalidade, progressão rápida e diarreia sanguinolenta é mais característica da PSA em sua forma aguda.

4 Resposta: c) A vigilância epidemiológica e o controle do trânsito

Estes são pilares fundamentais do PNSS para manter o status sanitário do país.

Questão 5 - Resposta Dissertativa:

A presença de javalis e suínos selvagens é um desafio maior para a PSA porque essas espécies podem atuar como reservatórios naturais do vírus, mantendo-o na natureza e dificultando a erradicação. Além disso, eles podem ser vetores de carrapatos infectados e se movimentar livremente, espalhando o vírus para granjas domésticas, o que não ocorre com a mesma intensidade para a PSC.

Recursos e Próximos Passos



Site do MAPA

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - Para consultar as normas e atualizações do PNSS



OIE

Organização Mundial de Saúde Animal - Para informações globais sobre a situação das pestes suínas e diretrizes internacionais



Artigos Científicos

Para aprofundar-se nas últimas pesquisas sobre diagnóstico e controle

Próxima Aula

Aula 21 – Manejo Sanitário de Bovinos de Corte. Conectando com o que aprendemos, veremos como os princípios de biossegurança e vigilância se aplicam a outra importante cadeia produtiva.



NOTA IMPORTANTE: As informações regulatórias/legais/técnicas desta aula estão atualizadas até 2025. Consulte sempre fontes oficiais para verificar alterações.

Parabéns! Você concluiu com sucesso esta aula sobre Peste Suína Clássica e Africana. Continue aplicando esses conhecimentos em sua prática profissional e mantenha-se sempre atualizado sobre as diretrizes sanitárias. A saúde animal depende de profissionais capacitados como você!